

A INSERÇÃO DA MULHER NA MODALIDADE EJA

Caroline Lins Fernandes¹; Pedro Henrique Luna Nascimento; Welida Tamires Alves da Silva;
Maria Janaína de Oliveira; Kaline Rosário Morais Ferreira.

Departamento de Química, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campus I, Campina Grande-PB

E-mail: clflins@gmail.com¹

RESUMO

A educação ínfima bem como a total exclusão de mulheres no ambiente escolar resultou em inúmeros preconceitos acerca do gênero feminino, causando pensamentos equivocados e comportamentos de dependência e submissão. Atualmente, as mulheres buscam continuamente mudar esse cenário, o que pode ser constatado pela frequente inserção em programas educacionais, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), objetivando estas mudarem a sua realidade e de seus familiares. Entretanto, a sociedade ainda tem como herança o regime patriarcal, o que gera, muitas vezes, dificuldades que impedem a inserção e a permanência das mulheres na escola, já que essas muitas vezes são chefes de família e/ou são responsáveis sozinhas pelos cuidados da casa e dos filhos. Levando esses fatos em consideração, este trabalho busca evidenciar e compreender os motivos que levaram a desistência e o retorno para a escola por parte de mulheres matriculadas na modalidade EJA, salientando as mudanças promovidas pelo retorno, além de levantar o questionamento e discussão de gênero dentro da sala de aula. Para a obtenção dos resultados, o método utilizado foi um estudo de caso, que se baseou em um questionário estruturado, constituído por 9 questões direcionadas à 30 discentes do Ensino Médio de uma Escola Pública localizada na cidade de Campina Grande, PB. Os dados obtidos a partir desse estudo revelaram que grande parte das mulheres encontrou na EJA uma forma de adquirir liberdade financeira e de pensamento, porém, ainda é ausente a discussão de gênero na Escola.

Palavras-chave: Exclusão, Gênero feminino, Educação de Jovens e Adultos, Inserção.

INTRODUÇÃO

As mudanças que ocorreram na sociedade nos últimos tempos são bem visíveis quando se trata do comportamento e aceitação das pessoas pertencentes ao gênero feminino. Há mais mulheres trabalhando, muitas se tornaram chefe de família e em conjunto, uma parcela considerável de mulheres está optando por voltar a estudar. Esse último fato é motivado segundo Barbosa (2012) pelas mudanças econômicas e culturais pelas quais a sociedade está vivenciando, fazendo as mulheres participarem ativamente dos programas educacionais.

A busca pela qualificação das mulheres se deve principalmente ao fato de almejarem melhores empregos, adquirirem liberdade financeira ou por desejarem manter contato com a sociedade. Porém, é perceptível que mesmo com essas mudanças positivas, as mulheres ainda não adquiriram condições igualitárias quando comparados com os homens.

O programa educacional que mais possibilita a inserção dessa classe de mulheres na educação é a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e agora de Idosos, a qual é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96. Esse modelo de educação possibilita que as



mulheres que por diversos motivos tiveram que deixar de frequentar as salas de aula, como a necessidade de trabalhar desde a menoridade, a constituição da família que sobrecarrega ou a falta de transporte para o deslocamento até a escola, a retornarem para o âmbito escolar. Porém, esse retorno, por muitas vezes, é por um período de tempo muito pequeno. Segundo Ferreira e Santos (2009, *apud* Camargo, 2012) 60% da evasão escolar referente às mulheres é causada pela a necessidade de cuidar dos filhos ou até mesmo pela proibição do marido.

Todavia, as carteiras das salas de aulas estão sendo ocupadas por essas mulheres que em algum momento das suas vidas não enxergou condições para continuar seus estudos e desejam alcançar seus sonhos, um dia esquecidos. Para isso, a Constituição Federal Brasileira que está vigorando atualmente assegura a igualdade de gênero dentro das escolas. Porém, infelizmente esse não é o verdadeiro cenário da educação.

Ainda há grandes dificuldades que impedem que as mulheres voltem a estudar ou que essas permaneçam nas escolas, como por exemplo, chefiar a sua família, que em concordância com Bruschini (1994) faz com que a carga de trabalho dobre, pois essas são responsáveis por cuidar da casa, dos filhos e do sustento material para manter o lar. Por isso, Barbosa (2012) salienta que se deve elaborar políticas públicas que objetive acabar com discriminações contra as mulheres, destacando as desigualdades de gêneros em relação à educação como um todo, além de assegurar a permanência das mulheres nas escolas, obtendo como resposta mais alunas empoderadas dentro das salas de aulas.

Ter mais alunas em sala de aula acarreta em pontos positivos em vários âmbitos, é o que destaca Nogueira (2003).

[...] a educação da mulher, além de influenciar de maneira positiva nos índices de matrícula, na assistência, na permanência e no rendimento escolar dos filhos, possibilitaria a diminuição nos índices de natalidade e contribuiria para melhorar a nutrição e a saúde familiar, pois, é a mãe a quem sempre cabem os cuidados com a alimentação, a higiene e a saúde dos filhos e dos familiares (NOGUEIRA, 2003, p. 68).

Não há como negar, que a presença das mulheres nas escolas trás benefícios para as mesmas e para aqueles que vivem próximas a elas, tornando-se um exemplo para as meninas das famílias que fazem questão de seguir os passos no caminho da educação. Provando que essas mulheres têm a consciência do poder positivo que a escola pode ter sob suas vidas, pois segundo Reages e Alexandre (2011) as mulheres com a ajuda da educação estão deixando seu papel de individuo submisso, estão procurando ampliar seu lugar na sociedade, lutando para realizar as próprias vontades e pela igualdade de gênero tanto nas escolas quanto nos trabalhos. Já que mesmo com tantas mudanças as mulheres ainda recebem salários menores e por muitos são taxadas de inferiores quanto à aprendizagem, assim afirma Sousa e Fonseca



(2009) quando colocam uma grande interrogação acerca do pensamento imposto pela sociedade de que os homens são melhores nas ciências ditas exatas, como matemática, por exemplo, resultando em total desconfiança das próprias mulheres quanto a sua capacidade de aprender.

Por esse motivo, além de programar políticas públicas é necessário mostrar para essas mulheres que outras adquiriram seu espaço no meio acadêmico, por exemplo, onde apenas homens eram aceitos, assim deixa claro Maia (2012) quando disserta sobre a vida de Marie Curie, a primeira mulher a ganhar um Nobel na área das ciências exatas, em seu livro. Dessa forma, as alunas podem recuperar a confiança em si e buscarem desconstruir todos esses preconceitos.

Como corolário a essa percepção, é notável que a educação é provedora de mudanças e responsável pela emancipação do gênero feminino da sociedade atual, isto é, o retorno às escolas é um dos grandes responsáveis pelo empoderamento das mulheres e a construção do pensamento crítico das mesmas. Depois que essas passam a conhecer os poderes das palavras e aprendem que são iguais aos homens perante a lei, passam a ter mais coragem, a interagir com a sociedade de forma independente e desconstrói a ideia de que as mulheres deveriam apenas cuidar da casa, já que segundo Eiterer, Dias e Coura (2013) o trabalho feminino é visto, em grande parte, apenas como o trabalho doméstico, sendo resultado de uma sociedade movida pelo regime patriarcal, assim afirmam Oro, Weschenfelder e Stecanela (2010) as meninas desde cedo eram ensinadas a cuidar dos filhos, maridos, cozinhar, costurar e todas as atividades referentes ao trabalho doméstico. Se tornando assim, pessoas dependentes de seus maridos e sem vontade própria.

A visão que o senso comum tem sobre o espaço da mulher deve ser revisto e desconstruído, pois como já foi dito, a mulher domina tanto os deveres da sua residência quanto os deveres de trabalhos externos, isto é, as mulheres são destinadas a qualquer tipo de trabalho, já que não existe divisão entre trabalho masculino e trabalho feminino.

Entretanto, para que esse pensamento venha residir na sociedade, é necessário que dentro da própria escola seja discutido as questões de gênero, principalmente acerca do gênero feminino, pois se essa discussão ultrapassa os muros das escolas se torna ainda mais importante. Camargo (2012) complementa a ideia, afirmando que:

Como a temática atravessa a escola, cabe a ela a responsabilidade de trazer à discussão não somente do ponto de vista científico, mas, principalmente para permitir a livre expressão e o respeito, defendendo que há relacionamentos entre pessoas plurais a partir de discussões de forma não sexista e preconceituosa (CAMARGO, 2012, P.159).

A discussão direcionada ao referente gênero é ainda mais importante, pois as mulheres se fazem presente, muitas vezes, em grande maioria na EJA, que é uma modalidade portadora de grandes diversidades e preconceitos, tanto das pessoas que fazem parte da modalidade quando aqueles que não fazem, resultando nesses pensamentos errôneos e inadmissíveis nos tempos atuais.

Dessa forma, é de imensa importância que a questão do gênero seja discutida em sala de aula, tanto na Educação de Jovens e Adultos, quanto no ensino regular, pois esse é o único caminho para mudar a visão que a maioria das pessoas possui acerca do gênero feminino. E de certo, a modalidade EJA é uma grande esperança para que as mulheres que não puderam estudar na idade regular adquira sua autonomia, confiança e possa reconstruir a vida provando que a educação assim como as mulheres pode transformar a realidade vivenciada no país.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo averiguar as causas da desistência, bem como os motivos que levaram as mulheres a retornarem a escola, salientando as mudanças ocorridas como consequência do retorno, além de questionar sobre a existência da discussão de gênero em sala de aula.

METODOLOGIA

O presente trabalho é caracterizado como um estudo de caso, que para alguns autores é um método de análise que possibilita ao pesquisador, através de um estudo completo feito com número pequeno de amostragem, adquirir um conhecimento vasto sobre os objetos estudados e assim ter propriedade para dissertar sobre o assunto.

Para selecionar os sujeitos das pesquisas, foi necessário o contato com uma Escola Pública da cidade de Campina Grande- PB, onde 30 mulheres que estão inseridas na Educação de Jovens e Adultos foram entrevistadas.

O estudo realizado objetivou refletir e discutir acerca da inclusão das mulheres na educação na modalidade EJA, salientando o poder da educação na vida dessas alunas e ainda a importância da inserção da discussão sobre a questão de gênero em sala, a fim de minimizar os preconceitos voltados para o sexo feminino.

Para obtenção dos dados foi utilizado um questionário constituído por 9 questões, onde foi possível que as entrevistadas justificassem suas respostas e emitissem suas opiniões referentes ao tema abordado. Também foi realizado um esclarecimento sobre o significado do empoderamento feminino na sociedade.

Os resultados obtidos foram plotados em gráficos e em algumas afirmações dadas pelas entrevistadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

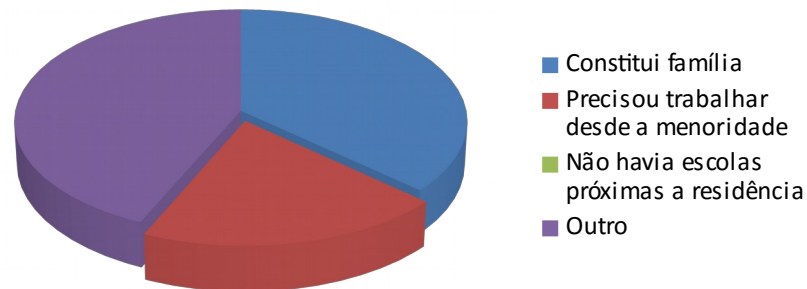
Ao entrevistar as mulheres que fazem parte da modalidade EJA, percebeu-se que a grande maioria eram mulheres jovens. Na verdade, nenhuma das alunas aparentava ter mais



de 30 anos de idade, fato esse que gera um paradoxo, já que muito cedo deixaram de estudar, mas considerando a situação, retomaram as atividades escolares, percebendo rapidamente a importância do estudo.

Um dos questionamentos realizados foi sobre o motivo que levaram essas mulheres a desistirem de estudar. As respostas estão apresentadas na Figura 1.

Figura 1: Motivos pelos quais as discentes deixaram de estudar.



Fonte: (Do autor, 2016)

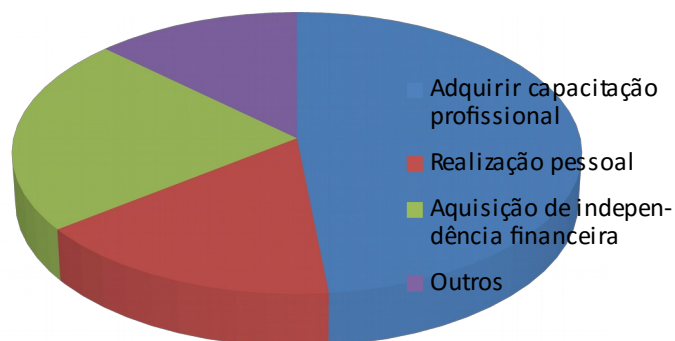
Mesmo as alunas aparentando pouca idade, um número considerável delas abandonou os estudos porque constituíram família, isto é, casaram e tiveram filhos dando início ao ciclo interminável da sociedade patriarcal na qual vivem, onde apenas as mulheres tem a obrigação de cuidar dos filhos, tanto que excluir toda e qualquer atividade que seja feita fora de casa, deixando até mesmo de trabalhar. Ainda há aquelas que são mães solteiras e não têm alternativas a não ser se dedicar inteiramente na criação dos filhos, assim afirma uma das entrevistadas: *“Fui mãe solteira e tive que nos sustentar sozinha, tendo que parar de estudar”*.

Outras não construíram famílias, mas por necessidades financeiras precisaram trabalhar desde cedo para ajudar no sustento da família, desistindo dos estudos no tempo regular.

Como a pesquisa foi realizada em uma escola localizada na área urbana, o fato de não ter escolas próximas às residências não foi causa das desistências, porém, outros acontecimentos contribuíram, como casos de doenças tanto das próprias alunas como dos seus familiares e o alto índice de reprovação, o que fez algumas alunas recorrerem ao EJA.

Quando as discentes foram questionadas, em relação ao motivo do retorno as salas de aula, a maioria das alunas alegou que estavam a procura de capacitação profissional. As respostas obtidas estão expressas na Figura 2.

Figura2: Motivo pelo qual as alunas retornaram para a escola.

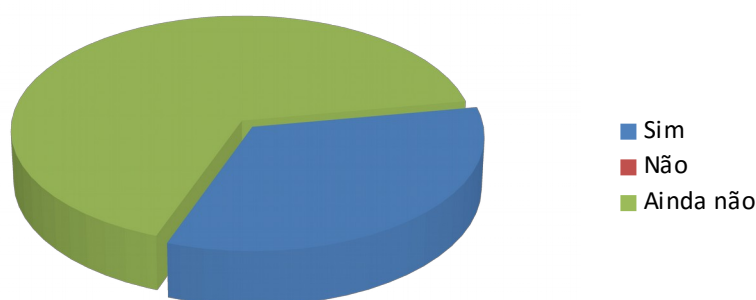


Fonte: (Do autor, 2016)

A educação é a porta para diversos caminhos e oportunidades, e é exatamente isso que essas alunas passaram a enxergar, pois além de buscar aprimoramento para conseguir um emprego que ofereça salários melhores, elas também estão buscando independência financeira. Cerca de 23% das alunas entrevistadas têm como objetivo ser independentes. Outro caminho que a educação pode oferecer é a realização pessoal, e essas alunas estão conscientes desse fato, por esse motivo, voltaram a estudar. A porcentagem que corresponde a 13% alegou que gosta de estudar, dentro dessa mesma porcentagem, há alunas que não deixaram de estudar, apenas optaram por estudar na EJA.

Tomando as afirmações do segundo questionamento, foi perguntado se os objetivos que levaram as mulheres a retornarem para escolas tinham sido alcançados por elas. Infelizmente a porcentagem positiva não foi tão grande, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3: Porcentagem representativa dos objetivos alcançados pelas alunas.



Fonte: (Do autor, 2016)

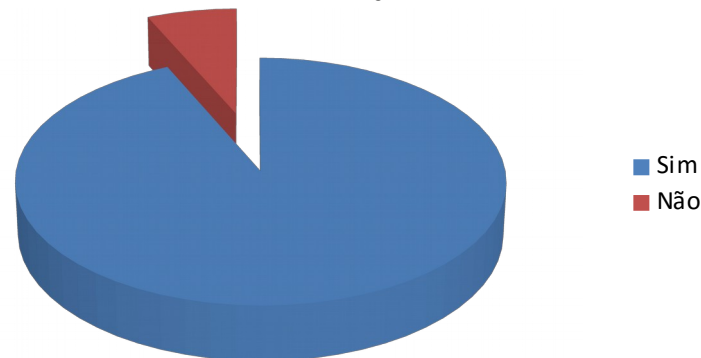
Os resultados obtidos revelaram que 67% das alunas ainda não tinham conseguido atingir seus objetivos, porém, o que se deve salientar é o fato que nenhuma das discentes entrevistadas afirmou que não tinham atingido, isto é, todas as mulheres que responderam o questionário sabem que através desse retorno a escola, em algum momento, alcançarão suas metas, seja independência financeira, aprimoramento para conseguir um trabalho ou



realização pessoal. Com isso, pode-se constatar que o modo de pensar está se modificando, pois elas estão conscientes de que atingir metas através da educação é uma construção em longo prazo, porém segura e certa.

Seguindo essa linha, as alunas foram questionadas se voltar a estudar proporcionou-lhes mais liberdade em suas ações e pensamentos. As respostas estão representadas na Figura 4.

Figura 4: Opinião das alunas acerca da liberdade de pensamentos e ações adquiridas atrás da educação.



Fonte: (Do autor, 2016)

A grande porcentagem positiva mostra que a Educação de Jovens e Adultos está fazendo seu papel, isto é, está preparando mulheres com pensamentos críticos e somente seus, dando-lhes a oportunidade de serem donas de si próprias e de se postarem em lugares que são seus por direito, como a escola, trabalho e qualquer outro onde elas quiserem estar.

Ao justificarem as suas respostas, algumas alunas expressaram as seguintes afirmações:

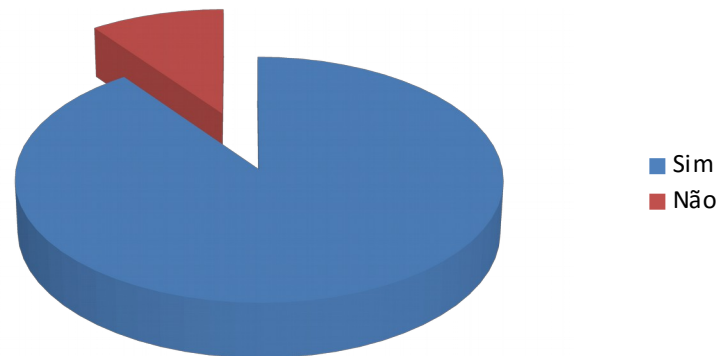
- “Porque me ajudou e me ajuda muito nas minhas escolhas e objetivos da minha vida”
- “Porque voltando a estudar eu passei a entender a importância da educação e amadureci”
- “Porque quando começamos a estudar nossas mentes ficam abertas para o mundo”
- “Porque agora eu consigo conversar sobre qualquer coisa com qualquer pessoa”
- “Abre novas portas e nos possibilita outros caminhos”

O quinto questionamento estava relacionado com o modo como a escola acolhe homens e mulheres, salientando se existe alguma diferenciação entre esses dois gêneros por parte da Escola.

As respostas obtidas mostraram que a Escola onde foi feita a pesquisa está fazendo seu papel verdadeiramente quando se trata de igualdade de gêneros. Todos os alunos são tratados de forma igualitária independente de ser homem ou mulher. Na verdade, todas as escolas deveriam adotar esse comportamento, pois direta ou indiretamente estão ensinando que não há gênero inferior ou superior, resultando em uma transferência desses ensinamentos para a sociedade, acabando dessa forma, com a desigualdade salarial, por exemplo.

A sexta pergunta, estava relacionada a esse fato. Foi perguntado se na visão das alunas a modalidade EJA era um caminho para extinguir a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino. As respostas estão apresentadas na Figura 5.

Figura 5: A EJA como um caminho para extinguir a diferenciação entre homens e mulheres.



Fonte: (Do autor, 2016)

A grande porcentagem positiva mostra novamente que a modalidade EJA é sim um caminho para que as mulheres adquiram sua autonomia como pessoa, fazendo com que essas alunas não aceitem salários inferiores, tratamentos que denigrem a sua imagem e acima de tudo, não se sintam inferiores ou menos capazes só por pertencerem ao gênero feminino.

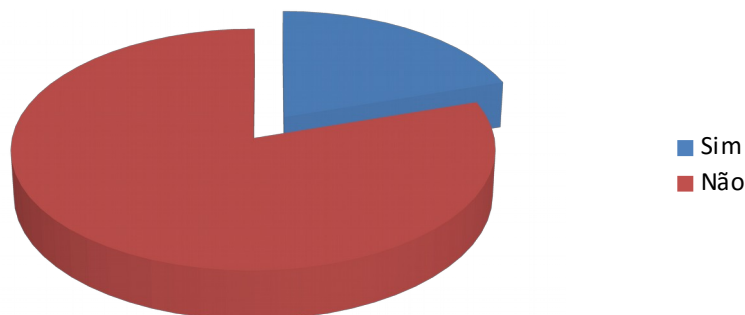
A educação tem esse poder, independente da idade dos discentes, porém, é necessário que haja momentos em que a igualdade de gênero seja salientada, para que as mulheres mudem a sua realidade.

O sétimo questionamento abordava essa temática, onde as discentes foram convidadas para dissertar as mudanças que ocorreram em suas vidas depois que retornaram para as salas de aula. Algumas afirmações estão expressas, a seguir:

- *“Comecei a trabalhar adquirindo assim independência financeira”*
- *“Comecei a incentivar mais meus filhos a estudar.”*
- *“Comecei a ter como objetivo entrar na universidade.”*
- *“Passei a me comunicar melhor, a ver a vida com mais perspectivas e construir projetos para melhorar a minha vida.”*
- *“Agora me sinto mais capaz e muito informada.”*

Percebe-se observar através das respostas dadas pelas discentes, que em nenhum momento a questão de gênero é usada como resposta, o que justifica a grande porcentagem negativa quando perguntado se as alunas já haviam presenciado alguma discussão sobre gênero em sala de aula. As respostas podem ser verificadas na Figura 6.

Figura 6: Presença de discussão sobre gêneros em sala de aula.



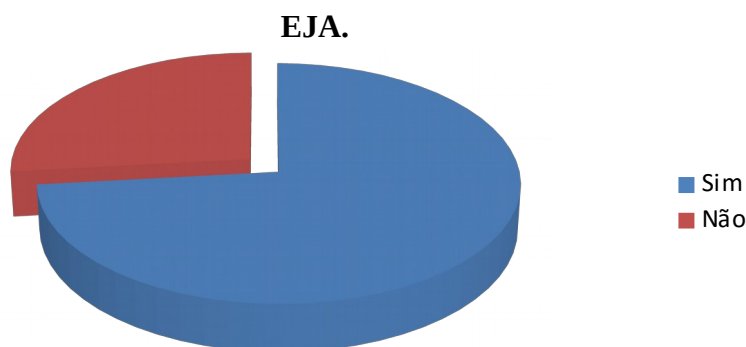
Fonte: (Do autor, 2016)

Mesmo a Educação de Jovens e Adultos fazendo seu papel quanto à igualdade de gêneros, não se pode deixar de discutir sobre esse tema. É de imensa importância que exista momentos que as lutas e os preconceitos sejam mostrados e debatidos, é necessário verificar as opiniões dos alunos, no geral, podendo dessa forma desconstruir pensamentos errôneos e preconceituosos que muitas vezes estão entranhados nas mentes dos discentes.

É importante também, deixar claro que o empoderamento feminino não é um ato que acabará com as chances dos homens entrarem no mercado de trabalho e muito menos que as mulheres tomaram o lugar deles, é uma questão e igualdade que deve estar presente na construção da educação dos alunos de qualquer modalidade de ensino.

O último questionamento foi voltado para essa temática, onde foi perguntado as alunas se o empoderamento feminino fazia parte da construção e crescimento proporcionado pela EJA. As respostas estão apresentadas na Figura 7.

Figura 7: Empoderamento feminino na construção e crescimento proporcionado pela EJA.



Fonte: (Do autor, 2016)

Novamente a porcentagem positiva predominou, mostrando que através das conquistas as mulheres se sentem sim empoderadas e donas de si. E mesmo que não haja discussão sobre gênero, apenas as oportunidades oferecidas pela Educação fazem grandes mudanças nas vidas das mulheres que resolvem voltar a estudar.

É muito importante para a nova geração de mulheres presenciarem essa mudança de comportamento de suas mães, irmãs, tias, amigas, ou qualquer mulher que as cerquem, pois essas meninas crescerão conscientes dos seus direitos e enxergarão o mundo como um todo,

não tendo como perspectiva somente ser dona de casa, mas ser dona da sua própria vida, e é isso que o empoderamento faz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável e comprovado pelas pesquisas que o número de mulheres supera o número de homens que estudam. Esse fato deixa claro que as mulheres buscam a educação para conseguir mudar suas vidas e foi exatamente esse resultado concluído após analisar todas as respostas das discentes, onde essas têm como ponto de apoio a educação e a esperança que através desta vai ser possível criar seus filhos e ser independentes, se dissociando de relacionamentos abusivos e modelo patriarcal o qual está sendo, com muito custo, desconstruído pela a educação. Porém, foi observado também, que mesmo com tantas mudanças a discussão sobre gêneros não é abordada na modalidade EJA, dificultando a quebra de preconceitos dos discentes no geral. Além disso, também não foi observado apresentações de mulheres que fazem história no meio acadêmico, incentivando dessa maneira, as mulheres ampliarem suas visões até a universidade, por exemplo, já que não há idade para adquirir conhecimento e liberdade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Rita. Os impactos da Educação de Jovens e Adultos na vida de mulheres no Município de Barra de Santana – PB. In: 17º ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA E NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO. **Anais...** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. Novembro, 2012. 18 p.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; SORJ, Bila. (Org.). **Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil.** São Paulo: Marco Zero. Fundação Carlos Chagas, 1994.

CAMARGO, Janira S. A mulher nos documentos da Educação de Jovens e Adultos e Adultas. **Revista Ártemis**, João Pessoa, Edição v. 14, p. 155- 163, ago./dez. 2012.

EITERER, Carmem Lucia; DIAS, Jacqueline D'arc; COURA, Marina. Aspectos da escolarização de mulheres na EJA. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 161-180, jan./abr. 2014.

MAIA, Raquel Gonçalves. **Marie Sklodowska Curie: imagem de outra face.** São Paulo: Editora Livraria da Física. 2012.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. **Educação de Jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível de política educacional destinada às mulheres das camadas populares.** In: SOARES, Leôncio José (org). **Aprendendo com a diferença. Estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos.** 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



ORO, Amina Ciandra; WESCHENFELDER, Rosa Cristiana S.; STECANELA, Nilda. **Mulheres e EJA: o que elas buscam?**. Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/artigo-mulheres-e-eja-o-que-elas-buscam.html>> Acesso em: 15 Ago. 2016.

RIEGER, Marlise; ALEXANDRE, Ivone de Jesus. Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.2, n.2, p. 161 – 170, ago./dez. 2011.
SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira. Discurso e “Verdade”: a produção das relações entre mulheres, homens e matemática. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 595- 613, mai./ago. 2009.

